



XVI FESTIVAL DE CINEMA

O Bom Burguês traça perfil de guerrilheiros

MARIA DO ROSARIO CAETANO
O XVI Festival de Brasília do Cinema Brasileiro virou, finalmente, um festival: artistas chegando e saindo, muito debate, manifestações de protesto, e muito público. A chuva, por incrível que pareça, está ajudando, já que enclausurou os artistas no Saint-Paul e a proximidade acaba possibilitando interesse pelas discussões.

As mostras competitivas prosseguem com sessões no Cine Brasília (15, 18 e 21 horas) mostrando hoje o programa composto de três filmes: dois curtas — *Visita ao Presidente*, de Haroldo Maranhão, Carnaval, e *Aval da Carne*, de Carlos Marques e Ralph Araújo — e o longa *O Bom Burguês*, de Oswaldo Caldeira. No cine Karim Guarã, às 20:30 horas, a pedida é *Inocência*, de Walter Lima Jr., e o curta *Chapeleiros*, de Adrian Cooper. Em Taguatinga, no Cine Lara (às 20:30 horas) serão exibidos os curtas *Terceira Idade*, de Ellane Bandeira e Marília Andrade; *Noel por Noel*, de Rogério Sganzerla, e o longa *Sete Dias de Agonia* — *O Encalhe*, de Denoy de Oliveira.

O cineasta Chico Botelho, diretor de *Janete*, foi assistir, no Guarã, na noite de terça-feira, à sessão de seu filme. Ficou decepcionado com o desprezo dos promotores do Festival pela divulgação e condições de exibição dos filmes nas satélites. Os curtas-metragens na bitola 16mm foram projetados em condições precárias, e alguns dos poucos espectadores saíram "xingando o cinema brasileiro e tachando-o de incompetente".

O fotógrafo Edgard Moura, por sua vez, confirmou que os filmes em 16mm estão, ao serem projetados, ocupando apenas um oitavo da tela, e que isto depende contra o cinema brasileiro. "São estes atos que desenvolvem no público, a imagem de que nosso cinema é incompetente, quando na verdade, sabemos que ele tem qualidades estéticas e técnicas das mais respeitáveis".

Os interessados em discussões cinematográficas têm, hoje, dois fóruns: às 10 horas, serão debatidos o longa *Inocência* e o curta *Chapeleiros*, no "auditório" do Hotel Saint-Paul. Estarão presentes Walter Lima Jr., Pedro Farkas, Edson Celulari, Sebastião Vasconcelos (*Inocência*) e Adrian Cooper (*Chapeleiros*). As 17 horas, no mesmo local, será encerrado o seminário de críticos, pesquisadores e jornalistas. O tema em debate — *Ideologia da Produção Contemporânea no Brasil* — contará com a presença de Ismail Xavier, da ECA-USP; João Moura Jr. da revista *IstoÉ*; Cláudia Pereira, mestranda do Departamento de Antropologia

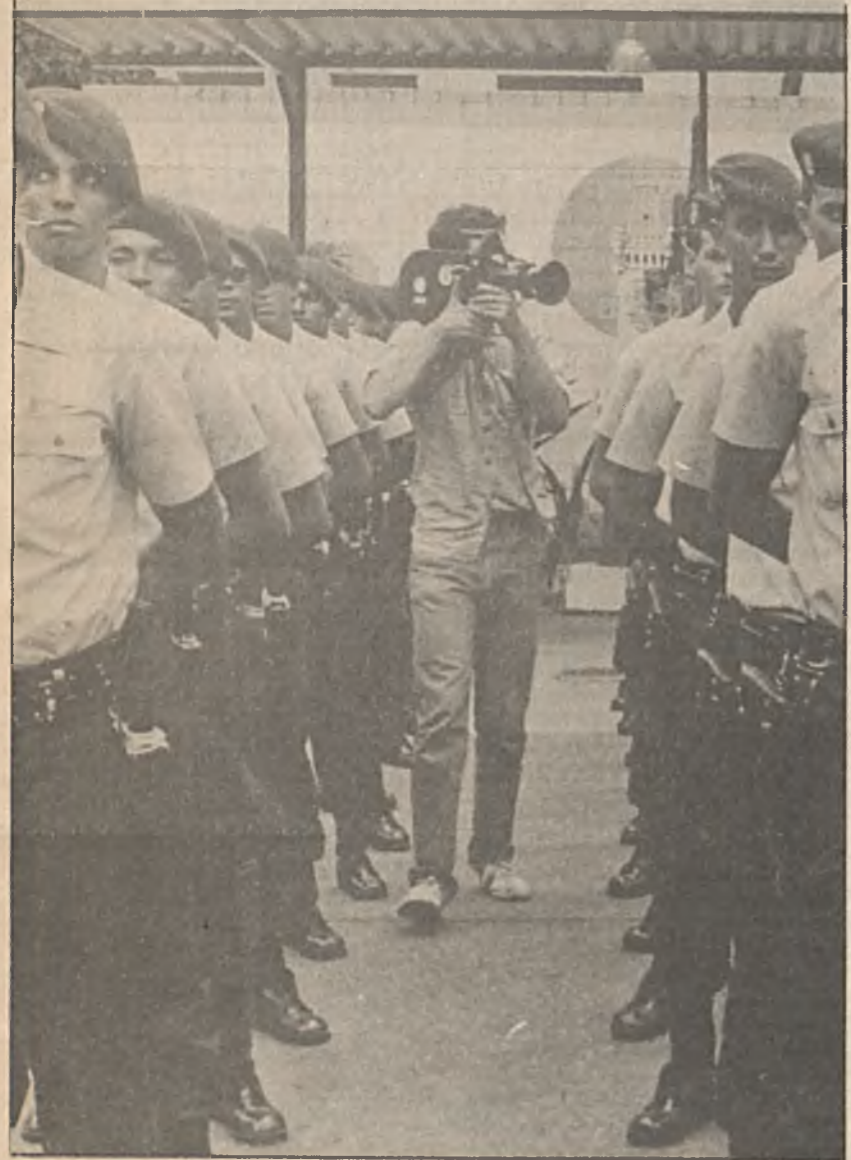
da UnB, e Ignácio Araújo, da Folha de S. Paulo.

Os filmes que concorrem, hoje, na sessão nobre do Cine Brasília são ecléticos. O primeiro, *Visita ao Presidente*, de Haroldo Maranhão Barbosa, é, na definição de seu autor "um documentário sentimental, lembrando o cinema paulista da década de 50, durante uma viagem do noturno Rio-São Paulo, culminando com uma visita a Francisco Luiz de Almeida Salles. O filme conta ainda com a participação do cineasta Paulo Cesar Sarraçeni (diretor de *A Casa Assassina*) e do fotógrafo-cineasta, Mário Carneiro (diretor de *Gordos e Magros*). O filme dura apenas 10 minutos.

O segundo curta da noite é *Carnaval*, o *Aval da Carne*, (42 minutos) que segundo depoimento de seus realizadores, Carlos Marques e Ralph Justino, baseia-se "em experiências vividas por um repórter na cobertura do Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro num dos carnavais dos anos 60. O filme *Aval da Carne*, porém, documenta o carnaval de 1983, revelando o comportamento da cidade nessa época do ano".

O Bom Burguês é um filme de Oswaldo Caldeira, realizador conhecido do Festival de Brasília, já que concorreu ao Troféu Candango, em 1977, com o filme *Ajuricaba*, o *Rebelde da Amazônia*. Produzido por Paulo Thiago, o filme traz elenco estelar: Betty Faria, José Wilker, Christiane Torloni, Nelson Xavier, Nicole Puzzi, Paulo Porto, Jofre Soares, Nelson Dantas, Anselmo Vasconcelos, entre outros. A fotografia é de Antônio Penido, que concorreu ao prêmio de "melhor fotógrafo" com Mário Carneiro (*O Mágico*) e o Delegado, Edgard Moura (*Parahyba*). José Eliezer (*Janete*), Pedro Farkas (*Inocência*), Walter Carvalho Correla (*O Encalhe*), Walter tem um homônimo — Walter Carvalho, irmão do cineasta Vladimir Carvalho. O primeiro é o fotógrafo de Sargento Getúlio, de Hermanno Penna, o segundo de *A Dificil Viagem*, de Geraldo Moraes.

O Bom Burguês é uma recriação da história do bancário Jorge Medeiros Valle, que desviou dinheiro do Banco do Brasil, no início dos anos 70, para financiar a guerrilha urbana. Caldeira, porém, não ousou produzir um documento de época. Tanto é que a ação se passa num cenário dos anos 80. A ele, interessou mergulhar no universo psicológico dos guerrilheiros (neste sentido, o personagem mais bem construído do filme é Laurio, interpretado por Anselmo Vasconcelos, forte concorrente ao prêmio de melhor ator coadjuvante).



Carnaval, o *Aval da Carne*: um curta muito esperado

Hoje é dia de *O Bom Burguês*, de Oswaldo Caldeira, e de um dos curtas mais esperados no cine Brasília, *Carnaval*, e *Aval da Carne*, de Carlos Marques e Ralph Justino, além de *Visita ao Presidente*, de Haroldo M. Barbosa. É também dia de um simpósio que promete ser movimentado: *A Ideologia da Produção Contemporânea*, às 17 horas na cobertura do St. Paul. Ismail Xavier, um dos participantes, deu longa entrevista ao nosso correspondente no Rio de Janeiro, Celso Araújo, analisando o cinema brasileiro atual e suas tendências. Hoje publicamos a primeira parte da entrevista. Outro cineasta que vem com um curta (*Noel por Noel*), Rogério Sganzerla, nos enviou um artigo sobre os 15 anos de *Bandido da Luz Vermelha*, premiado no IV Festival de Brasília, e sobre o cinema brasileiro.



Anselmo Vasconcelos, em *O Bom Burguês*



José Wilker e Betty Faria em *O Bom Burguês*, de Oswaldo Caldeira. Um tema político no Festival

A LUTA POR UM CINEMA PLURAL (II)

CELSO ARAÚJO

Correspondente

O crítico e ensaísta Ismail Xavier chega hoje a Brasília para participar do simpósio *A Ideologia da Produção Contemporânea*, no St. Paul Hotel, às 17 horas, como parte do XVI Festival de Cinema de Brasília, e para lançar seu último livro, *Sertão Mar - Glauber Rocha e a Estética da Fome*. Ismail, considerado um dos estudiosos mais lúcidos do cinema brasileiro, foi ouvido longamente na semana passada pelo correspondente do CORREIO no Rio de Janeiro, Celso Araújo. Hoje publicamos a primeira parte da entrevista.

Rio — A "grande luta" no campo cinematográfico hoje deve ser a luta contra a pasteurização do cinema brasileiro, aponta o ensaísta e crítico Ismail Xavier. Ismail, que participará neste festival de cinema do simpósio sobre "Ideologia da produção contemporânea", alerta para o excessivo enfoque que se tem dado, nas ocasiões de debate, ao aspecto econômico, o que tem levado a uma concepção imediatista e unicamente mercadológica do ato de discutir a prática do cinema agora.

O recelo é de que essa "crise" e a excessiva preocupação com as bilheterias acabam sufocando a pluralidade de inspirações e de projetos do cinema que se faz no Brasil, sublinha Ismail, que acaba de publicar o ensaio *Sertão Mar - Glauber Rocha e a Estética da Fome* (Ed. Brasiliense), a ser lançado durante a realização do festival.

Professor de cinema da Universidade de São Paulo, Ismail tem se revelado um dos mais agudos debatedores das questões do cinema entre nós. Discípulo e amigo de gente como Antônio Cândido, Maria Rita Galvão e Jean-Claude Bernardet, Ismail, 35 anos, tem pós-graduação em teoria literária, doutoramento em cinema pela Universidade de Nova Iorque e publicou *Sétima arte: um culto moderno (perspectiva 78)*. O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência (paz e terra, 77) e a experiência do cinema (antologia que organizou, brilhante por sinal, para a Graal, este ano).

Amigo, admirador desde a juventude do cinema de Glauber, pesquisador das contradições e inestimáveis "heranças" da obra do diretor baiano, Ismail escreveu *Sertão Mar* antes da morte do autor de *Barravento* e *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, os dois filmes que ele disseca, interpreta e investiga, trazendo revelações originais sobre as relações daquele diretor com a cultura popular e o mito, a história, a arte e a ideologia.

CORREIO — Assistindo aos principais filmes brasileiros da safra 82/83, que inspiração determinante podemos destacar nessas realizações? Como se manifesta a preocupação dos cineastas com o poético? O que alimenta esse cinema?

Ismail — Reconheço que há uma crise na área das discussões. Os debates estão deslocados para a questão da produção e isso abafa um pouco a discussão própria da experiência com o cinema. A questão econômica tem pressionado os cineastas, levado-os a atentarem mais para a comunicabilidade com o público, a buscarem uma relação mais ampla, no sentido de mercado, com a plateia. Em alguns casos, isso chega a constituir um problema, pois há cineastas em que essa relação orgânica, entre a pessoa e o seu projeto de mostrar um filme para um grande público, se perde. Isso leva à predominância de uma dramaturgia naturalista, vinculada ao circuito comercial e não se deve somente à conformação do público, mas por definição do próprio cineasta. Não é o caso, por exemplo, de um Hector Babenco, que trabalha mais ou menos com a sintaxe do cinema americano, mas de maneira muito competente. Assim também o Roberto Farias, em *Fra Frente Brasil*. Existem também cineastas onde essa relação se dá de forma positiva, mas ali abrangendo um público mais sofisticado e intelectual e seus filmes acontecem, embora não sejam retumbante sucesso, como é o caso de Ana Carolina e Carlos Alberto Prates. Muita gente, no entanto, está se impondo fazer um determinado tipo de cinema, atrelado às preocupações com o mercado. E isso nem sempre tem dado certo.

CORREIO — Parece que os cineastas que mais produzem são os oriundos do movimento Cinema No-

vo e estariam fazendo o "clássico" brasileiro de hoje.

Ismail — Esses cineastas que vêm do Cinema Novo já têm um espaço mais demarcado, por seu próprio trajeto nesses 20 anos, como é o caso de Nelson Pereira dos Santos, que agora busca um novo cinema popular. Nelson parece procurar fazer o diretor de cinema quase que um mediador, para dar voz a um processo cultural que está ocorrendo independentemente dele. E assim com *A Estrada da Vida*, aquele filme sobre Millionário e Zé Rico. E um filme onde o diretor não tem a preocupação em se expressar, mas de fazer um filme que chame a atenção de um processo cultural que está ocorrendo independentemente de nós. O Nelson já tem os seus mecanismos de produção para esse tipo de cinema. Um outro exemplo temos em Walter Lima Júnior, que fez o *Inocência*, e esse eu acho o filme melhor sucedido em 83, pois é muito competente artisticamente, de grande penetração, trabalhando com ingredientes vinculados a uma ficção romântica. *Inocência* é um filme importante nesse contexto brasileiro. Mas voltando à sua pergunta do início, sem digressões, acho que a inspiração agora é plural, e isso é bom. Há cineastas trabalhando com os movimentos emergentes, há cineastas trabalhando com as questões da mulher na sociedade, como Ana Carolina e Tizuka Yamazaki e há a produção de filmes de curta metragem, com um desenvolvimento rico do documentário e do filme de caráter antropológico. A tendência agora é diminuir muito aquele tipo de filme que tenta fazer o diagnóstico geral da nação. O último filme que fez isso foi o *Idade da Terra*, de Glauber. Sinto que agora o leque está mais amplo. O Brasil é mais complicado e a tensão do *Idade da Terra* mostra isso, é um filme que procura juntar os cacós. Já num filme como *Inocência* a relação é mais trabalhada no microcosmo. Walter Lima sabe os limites, onde parar, com descrição. Ele fica na dimensão possível. Não vai atrás de grandes estipulações nem de metáforas totalizantes. Fica ao nível adequado para explorar bem o seu mundo.

OS 15 ANOS DO BANDIDO EM BRASÍLIA

ROGÉRIO SGANZERLA

Sobre "Bandido da luz vermelha" — premiado no IV Festival de Cinema Brasileiro de Brasília em 1968, exibido agora na mostra retrospectiva do Festival, devo dizer o seguinte:

O que me fez rodar esse diorama mágico ou monstruoso painel do submundo subdesenvolvido do crime político-policial seria o mesmo impulso de Welles (em todo sentido, o maior cineasta vivo) em "Touch of Evil" ("A marca da maldade", 1958) em tudo dizer sem precisar emitir nenhuma opinião, observar o essencial: discutir as relações do homem e do Estado, quer dizer, o indivíduo e ele mesmo — sua mente, o verdadeiro problema (onde começa e termina qualquer revolução) — o outro (novo) homem (sua relação com), a humanidade.

Já disse que aos 22 anos de idade não tive parcela do que precisava para uma produção ambiciosa e talvez nem a necessária experiência para trabalhar, relacionar e encaixar os múltiplos fragmentos de um painel radiofônico vomitado — documentário/ficção tendendo ao cine-jornal de 92 minutos sobre, no fundo — hoje assim me parece — um mal digerido e enjoativo jogo de futebol (mal) transmitido; a idéia inicial foi a de fazer um filme policial, narrado por um comentarista esportivo — e não foi isso que o Brasil depois virou? (O noticiário luminoso inicial prevê: "... declarado estado de sítio no país... o dispositivo policial reforça todos os seus órgãos de segurança...") Além de outras profecias políticas: disco voador, terror, justicamento sumário, guerrilha urbana e... Jimi Hendrix. Antes do ato institucional número cinco,

simplesmente me recusei a filmar outro conflito — a não ser política e o crime, o bandido e o Estado, com o relacional do ideogramático oriental pré-atlante tupi. Expressão do UNO pensamento unificado é o plano-seqüência som-direto ideológico e shakespeariano inventado por Eisenstein & Welles em "Soberba. Marca da maldade. O processo".

Pessoalmente, detesto ouvir transmissão de jogo de futebol pelo rádio. Portanto, um filme cacofônico — à beira da afasia. Paleolítico e atonal. Contra a razão culturalista; do homem médio, psicológico e moral alguns decênios na frente.

Amargurado e gozador — fracassado e bem-sucedido. Fanfletário e visionário — que o Brasil atualmente ainda merece. A "boca do lixo" não é um símbolo mas sintoma de uma realidade mais forte que nosso cinema.

O lado "filme policial narrado por um locutor esportivo" já ficou óbvio para quem acompanhou atentamente os casos e descasos do poder e da opressão para com seus subordinados mas, para uma boa porcentagem do grande público, é preciso ainda fazer engolir certas verdades e mentiras essenciais, como, por exemplo, lembrar que em política, como em qualquer outra atividade humana, o feticço pode virar contra o (mau) feticço e por aí fora. Sobre tudo se ele não sabe ou não quer e não pode (vem dar no mesmo gesto) fazer feticço decente que prende a gente, sem vela e vintém — como é ainda o caso de quase totalidade dos partidos políticos oprimidos e opressores — paradoxalmente — por enquanto também.

Mais que nunca, fora de Jimi Hendrix — um pensador —, inexistente salvação. Necessário passar por ele: fo-

ra de Hendrix não vejo caminho possível — para a atrasada arte (in), "contemporânea", mal liberta da literacia burguesa, por abrigar em seu bojo semicoloidal suas iniciais e inevitavelmente erradas tentativas de libertação — enquanto ele é livre pois age como faz e sabe o que faz, tratando do tema central, que interessa a todos: a liberdade — questão fundamental da liberdade da mente livre. Isto é, sem medo, classe, ego, esforço ou razão, já que na mente inicia e termina toda revolução.

Hendrix é um gênio e vai voltar... Timido e revolucionário. Hendrix era ser de extrema coragem e grandeza poética, com virtudes inusitadas como (boa) improvisação constante; tentativa crítica de autoparódia e "repetição" de suas próprias versões (diferentes, mas coincidentes) de música, freqüentemente dele e também dos outros, desde que satisfizesse sua vontade potente por lances vertiginosos e isso era sempre possível, pois dispunha de um arsenal de efeito-adiantado numa guitarra próxima à sua gloriíssima mão. Dispunha de tudo, habilidade física e mental — escrevendo, compondo, arranjando, mixando ou dando uma mesa de "office-boy" de si mesmo, considerado excepcional "mixer-man" pela destreza em operar uma mesa de som, retirando efeitos originais, então inéditos de "pan" sonora, multidirigindo estridências abissais numa fita em 4 ou 16 canais, com mais de duas mil horas de gravação, sempre criativo como um pássaro totêmico.

Rogério Sganzerla, cineasta, é o autor de *Bandido da Luz Vermelha* e concorreu neste festival com o curta *Noel por Noel*

CORREIO
ATUALIDADES
Brasília, 27 de outubro de 1983
Suplemento diário do CORREIO BRASILIENSE
Não pode ser vendido separadamente

ENTRADA CINEMA

OS AMORES DE UMA LOURA (Lasky Jedne Plavovlasky), de Milos Forman. Cultura Inglesa (908 Sul), às 20:40 horas. Sábado e domingo às 20 e 22 horas. Operária inventa mentiras sobre sua vida amorosa para fugir à rotina. Produção tcheca de 1965 do mesmo realizador (radicado no cinema americano) de Hair e O Estranho no Ninho. Sábado e domingo, nas sessões das 16 e 18 horas. "O Criador", de Joseph Losey. A L P H A V I L L E - (Alphaville), de Jean-Luc Godard. Com Anna Karina, Eddie Constantine, Sala Le Corbusier (Av. das Nações, Lote 4), quarta e quinta-feira às 21 horas. Domingo às 16 horas. Entrada franca. Produção francesa de 1965.

O BOM BURGUEZ - De Oswaldo Caldeira. Brasília (EQS 106/107), às 15, 18 e 21 horas. Curtas: *Visita ao Presidente*, de Haroldo Maranhão Barbosa e *Carnaval*, e *Aval da Carne*, de Ralph Araújo Justino e Carlos Marques.

7 DIAS DE AGONIA - De Denoy de Oliveira. Lara (Taguatinga), às 20:30 horas. Curtas: *A Terceira Idade*, de Ellane Bandeira e *Marília de Andrade* e *Noel por Noel*, de Rogério Sganzerla.

INOCENCIA - De Walter Lima Jr. Guarã (QE 7, Guarã I), às 20:30 horas. Curta: *Chapeleiros*, de Adrian Cooper.

ETC, ETC...

CANTO ISSO NOS BOTECOS - Começa hoje o show Canto Isso nos Botecos, com Sérgio Vlanna e Chico Chagas, no Teatro Galpão, às 21 horas. O show terá a participação dos conjuntos Colas Nossas e Sambaki Rio, além dos músicos que tocam com os dois.

JOÃO NOGUEIRA - No próximo sábado, dia 29, o cantor e compositor João Nogueira estará lançando seu mais novo LP - *Bem Transado* - num show que começa às 22 horas, no Salão Social do Iate Clube. A animação fica a cargo do Conjunto *Esquema Sels*. A mesa para sócios custa Cr\$ 12 mil e para convidados custa Cr\$ 15 mil, à venda na Secretaria do Clube.

Hoje, excepcionalmente, deixamos de publicar a coluna de Chacal